nara roesler

elian almeida

pessoas que eram coisas que eram pessoas

nara roesler são paulo

abertura 13 de maio
exposição 13 de maio – 29 de julho

ao som do agueré

luiz antonio simas

Dizem os povos de terreiros que os tambores falam com as crianças, as mulheres e os homens. Cada orixá, inquice, vodum, é chamado para dançar a partir da convocação que o tambor faz. Não à toa, as rodas festeiras das casas de candomblé giram sempre no sentido anti-horário, simbolizando o retorno ritual da comunidade ao tempo dos ancestrais.

Um dos toques mais famosos dos terreiros afro-brasileiros é o agueré de Oxóssi. Misturando a cadência e a rapidez, o ritmo embala a dança do orixá da fartura, guardião dos caçadores, aquele que entra na floresta para encontrar o sustento de sua comunidade. Ao som do agueré, Oxóssi procura, escarafuncha, insiste, exerce a paciência, procura os atalhos.

Em um famoso itan, relato poético e mítico da cultura iorubá, Oxóssi teria passado muito tempo na floresta em certa ocasião, procurando o alimento capaz de fortalecer o seu povo. Depois de muita procura, quando estava desistindo, Oxóssi encontrou Orunmilá, o sábio adivinho, que consultou o oráculo e revelou o segredo: se quisesse encontrar a fartura, Oxóssi deveria procurar não a um animal da floresta, mas a si mesmo.

Tudo isso que falo sobre Oxóssi e o agueré me ocorre diante da arte de Elian Almeida e dos trabalhos dessa exposição. Partindo da diáspora baiana em direção ao Rio de Janeiro, Elian, como Oxóssi na floresta, procura os sentidos que, entre a memória e a história, podem trazer a fartura, a possibilidade do reencontro com ele mesmo e com a sua comunidade.

Toda diáspora traz consigo a violência material e simbólica, a quebra de laços identitários, a desarticulação de redes de proteção social, a fragmentação da vida como experiência de compartilhamento com o grupo e o esvaziamento do próprio ser, que se vê apartado de sua linhagem ancestral.

Em contrapartida ao horror da diáspora, toda cultura diaspórica opera na reconstrução inventiva daquilo que se perdeu: o sentido comunitário; a ideia da vida como experiência necessariamente compartilhada em terreiros, rodas de samba, maltas de capoeira, cortejos de maracatus, afoxés, reinados, congadas, turmas de bate-bolas, blocos de carnaval, esquinas suburbanas, festas de santos, rodas de rima, irmandades, escolas de samba.

O passado é nebuloso, o crime da escravidão sequestra a história, apaga os traços peculiares de cada rosto, esconde nomes e linhagens. Nas frestas do horror, todavia, a memória é tecida, as lembranças são bordadas, a vida se rearticula em mesas fartas regadas a azeite de dendê e risos fartos. Não se faz festa, afinal, porque a vida é boa, mas pela razão inversa.

Na arte de Elian Almeida, ressoam tambores que parecem dizer ao povo da aldeia: povo de Ketu, se abracem! O rei encontrou a caça e está voltando para casa.

capa
Kindred I, 2023 [detalhe]

pessoas que eram
coisas que eram pessoas
keyna eleison

As mãos estão cheias de tinta,
A roupa está cheia de tinta,
A sala cheira à tinta,
E nós... em outro mundo.
Outro. Não por nunca ter existido.
Outro. Não por estar no passado.
Outro; por ser brilhante, seguro, conhecido, percorrido por outras pessoas e as mesmas que estão diante de nós.
Outro. Outros. Nós.

A pintura, *per se*, é um objeto de Arte; é vista e reconhecida como Arte. Pois na pintura, habita o distanciamento prático, se aplica teorias e se agrega valores criados por relações. Uma pintura nunca é só uma pintura.

O ato de pintar, ainda nesse movimento, não é gratuito, é pensado, é uma proposta, um convite ou um texto. É um sim enorme cercado de muitos nãos. Contrário de uma ilusão, a pintura é um testemunho prático, mastigado, dançado, respondido, físico e mental.

E o pintor, ele em todo seu corpo, se coloca para um jogo, que, proposto por ele ou não, já está ganho.

Ele termina a pintura no meio do pensamento. Pintura como forma de conhecimento, como forma de aprendizagem e como uma estrutura pedagógica possível.

Mas aqui, um fato: Não se trata de um texto apenas sobre pintura, não é uma visão distanciada de um todo. É sim, especificamente, sobre as pinturas de Elian Almeida. Este é o pintor. Tudo está preparado... o que fazer com isso?

É importante se perceber que, em um espaço que já teve imensas suspensões, memórias futuras e presentes, este trabalho de Elian é um feitiço e um desafio. Estamos na galeria, na escola, na rua, dentro de nós mesmos nos reconhecendo ou não. É feitiço, por ser defendida, por se acreditar nela. E, depois de passar por ela, pela pintura e por ele, não seremos as mesmas pessoas. Feitiço, por ter sido elaborado, construído, um ato cheio e cercado de intelectualidade. Feitiço de memória, para que lembremos.

E um desafio: desatar do lugar. Arte é território e linguagem. Construção de auto estima e verbo. Seu trabalho é constituinte dessa construção de auto percepção, íntima e pessoal, mas, na mesma espiral, coletiva.

E nada disso em silêncio. Na frente da pintura, vemos, escutamos, sentimos e nos movemos. Elian diz ter nascido duas vezes: no sequestro da população escravizada negra para o Brasil e no dia que saiu de sua mãe. E os dois nascimentos têm a mesma localidade, estão no mesmo mapa, marcado pela flecha do tempo com séculos de diferença. E este conhecimento, de nascer e nascer, pode permitir que ele se reconheça e assim, consiga assumir a responsabilidade de ser este artista. E eu, posso me ver e sorrir. Quem me fez coisa, foi alguém. Quem me faz pessoa sou eu mesma, junta com mais de mim, de eus e de nós.

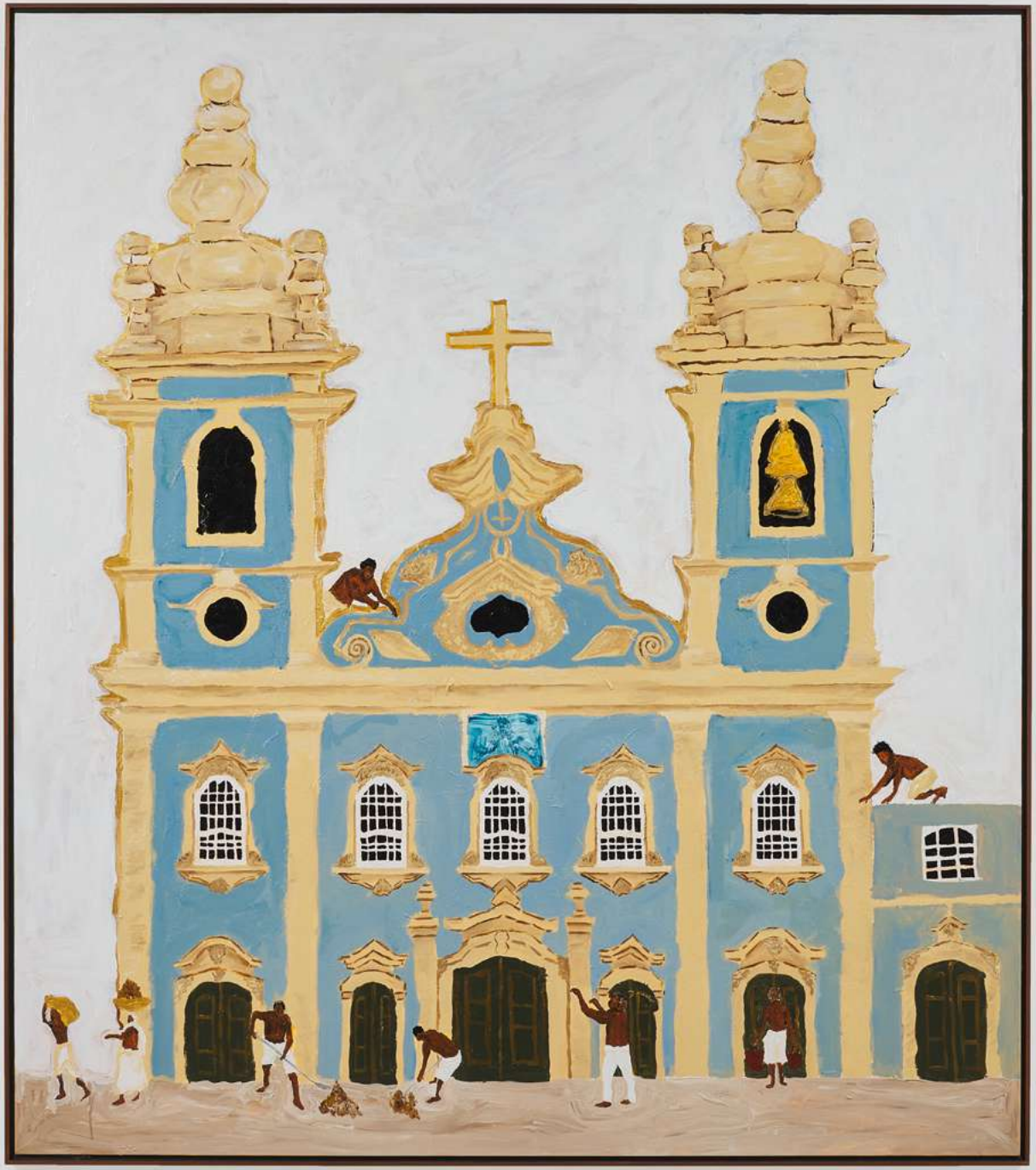
Pessoas que eram Coisas que que eram Pessoas reúne os mais recentes trabalhos de Elian Almeida, realizados entre 2022 e 2023.
Se em momentos anteriores sua poética se detinha sobretudo em retratos de figuras negras brasileiras de diferentes ocupações e épocas que foram apagadas pela história oficial, na presente exposição o artista se volta com atenção para elementos da cultura brasileira que floresceram entre o eixo Bahia-Rio de Janeiro desde o período colonial até o Século XX e hoje constituem elemento central da cultura afro-brasileira.

Agueré de Oxóss, 2023 [detalhe]

Mapa do Recôncavo da Bahia, 2023
tinta acrílica e pastel oleoso sobre tela
160 x 200 x 5 cm

AMÉLIA
TERRE NOVA
CATU
POJUCA
SÃO SEBASTIÃO
DIAS DAVILA
CONDE
CANDEIAS
FELIX

Igreja Nossa Senhora do Rosário dos Pretos, 2023
tinta acrílica sobre tela
193 x 170 x 5 cm



templos e terreiros

Nessas pinturas, o principal objeto do artista são alguns edifícios arquitetônicos históricos de grande importância para as populações negras do Brasil e mais especificamente da cidade de Salvador: a Igreja de Nossa Senhora do Rosários dos Pretos e o Terreiro do Gantois.

A primeira pertence à irmandade de Nossa Senhora do Rosário daquela cidade, uma das mais antigas irmandades negras do Brasil. O templo, erguido ao longo do Século XVIII, era frequentado por negros escravizados e libertos e se tornou uma importante local de resistência negra na cidade e no país, além de ter sido palco da consolidação de elementos da cultura afro-brasileira, em especial de cunho religioso, combinando elementos católicos e ibéricos com crenças trazidas da África pelos escravizados.

Nossa senhora
do Rosário dos Pretos, 2022
tinta acrílica sobre tela
153 x 141 x 5 cm

Promessa ao Gantois, 2023
tinta acrílica e pastel
oleoso sobre tela
160 x 240 x 5 cm

A segunda pintura, intitulada *Promessa ao Gantois*, traz uma representação do Terreiro do Gantois, um dos mais antigos templos de Candomblé do Brasil, estabelecido em 1849 e tombado pelo IPHAN. Tal terreiro se diferencia dos demais da capital baiana por ser de tradição hereditária, ou seja, suas Ialorixás são todas de uma mesma família.

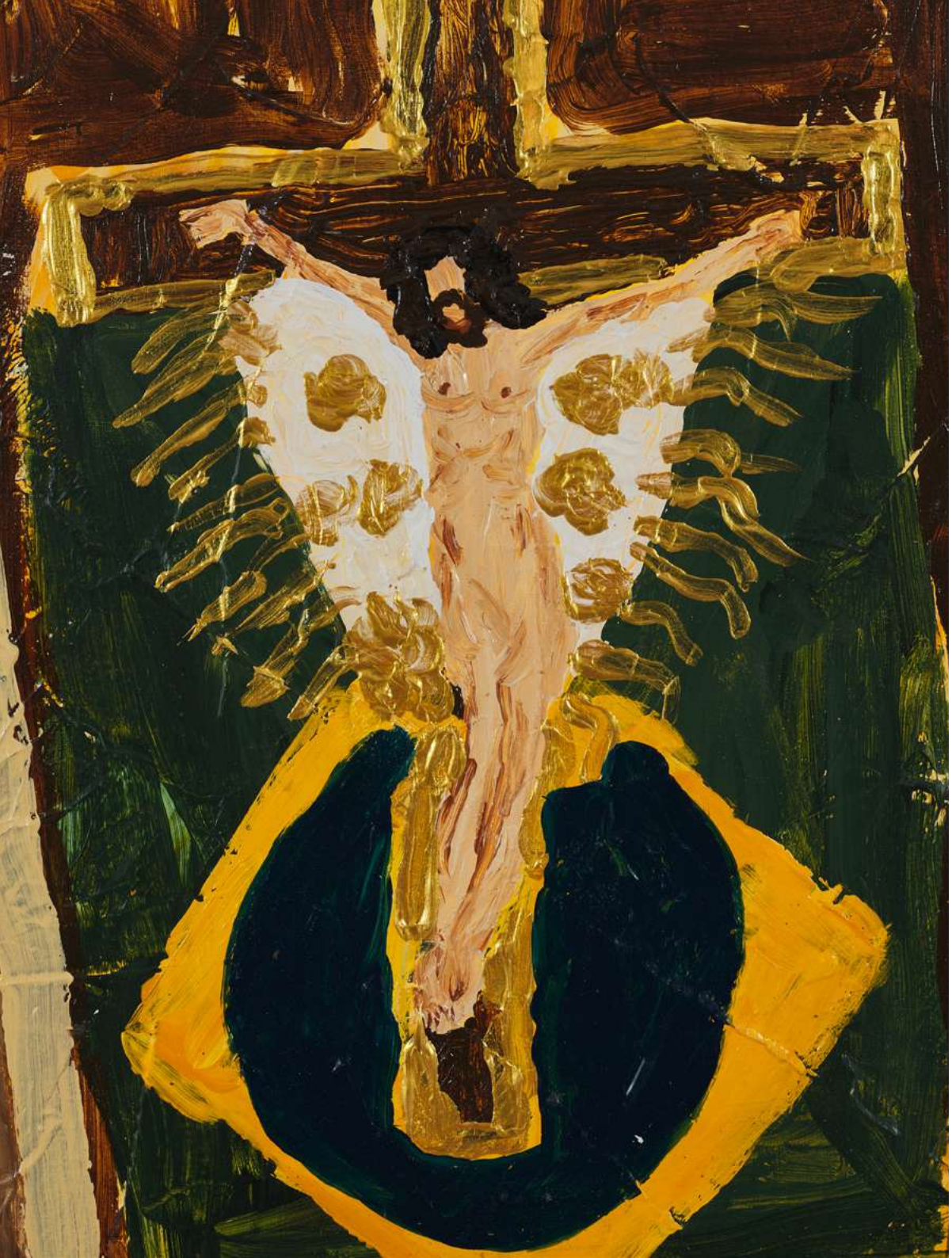
Ambas as pinturas se destacam pelo fundo neutro composto de tons dourados e amarelos, bem como pela presença de seus personagens anônimos que são frequentadores desses locais e conferem significado aos mesmos.

festas e rituais

Outro grupo de trabalhos presente na mostra consiste em representações de rituais e festejos de natureza religiosa. Nessas pinturas, referentes majoritariamente à cultura baiana, se misturam elementos da religião católica com os cultos de matriz africana. Em *Lavagem do Bonfim*, o artista faz sua leitura do festejo ocorrido nas escadarias da famosa igreja baiana, nas quais pessoas negras lavam as escadarias do templo com água de cheiro ao som de tambores e cantos. Ao mesmo tempo em que celebra um santo católico, a cerimônia também representa as águas de Oxalá.

Lavagem do Bonfim, 2023
tinta acrílica sobre tela
170 x 144 x 5 cm

Senhor do Bonfim, 2023
tinta acrílica sobre tela
140 x 165 x 5 cm



Em *Senhor do Bonfim*, um grupo de pessoas se reúne sob a égide de um estandarte, no qual um Cristo aparece crucificado ante a bandeira do Brasil. Abaixo dele, um grupo de capoeiristas se entretém na atividade, destacando-se com seus trajes brancos.

O mais importante é inventar o Brasil que nós queremos III, 2023
tinta acrílica e pastel oleoso sobre tela
145 x 170 x 5 cm

Agueré de Oxóssi, 2023
tinta acrílica e pastel
oleoso sobre tela
170 x 170 x 5 cm

A fusão de elementos cristãos e africanos volta a aparecer em *Agueré de Oxóssi*. A cerimônia consiste em uma dança e um ritmo consagrado ao orixá Oxóssi, aquele responsável pela caça e por trazer o sustento. Ante as batucadas, palmas e gingados dos participantes do primeiro plano, ao fundo, sob um estandarte, está uma imagem de São Jorge em seu cavalo matando o dragão, com o curioso arabesco de um azulejo português. O santo em questão é o equivalente cristão para o referido orixá, e um dos mais populares da cultura brasileira.

Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos, 2023
tinta acrílica sobre tela
170 x 140 x 5 cm

Ventre Livre II, 2023
tinta acrílica e pastel
oleoso sobre tela
155 x 155 x 5 cm

Mais um santo para esculpir
é o que lhe vale pra evitar que
o rancor e suas ervas espalhe, 2023
tinta acrílica e pastel oleoso sobre tela
144 x 120 x 5 cm

Kindred I, 2023
tinta acrílica sobre tela
135 x 120 x 5 cm

Maria Júlia da Conceição Nazareth, 2023
tinta acrílica e pastel oleoso sobre tela
144 x 126 x 5 cm

retratos

Tema já comum em sua poética, aqui o artista executa retratos de algumas importantes mães de santo do país. Duas delas, Mãe Menininha do Gantois e Maria Júlia da Conceição Nazareth, eram baianas e comandaram em diferentes momentos o Terreiro do Gantois, um dos mais importantes da cidade de Salvador.

Mãe menininha do Gantois, 2023
tinta acrílica sobre tela
170 x 124 x 5 cm

The Carmem do Xibuca, 2023
tinta acrílica sobre tela
140 x 120 x 5 cm

Tia Carmem do Xibuca, por sua vez, era também baiana de origem, mas migrou para o Rio de Janeiro e lá se tornou uma importante liderança religiosa e comunitária da chamada “Pequena África”, região próxima ao cais do Valongo na qual residia a maior parte da população negra da capital fluminense.

elian almeida

n. 1994, rio de janeiro, brasil, onde vive e trabalha

Elian Almeida baseia sua prática na convergência de diferentes linguagens, como pintura, fotografia, vídeo e instalação, tornando-se expoente de uma nova geração de artistas produtores de objetos e imagens que reivindicam protagonismo para agentes e corpos usualmente marginalizados em nossa sociedade e na tradição da arte. Com uma abordagem decolonial, seu trabalho se debruça sobre a experiência e performatividade do corpo negro na sociedade contemporânea. Para isso, ele recupera elementos do passado, imagens, narrativas e personagens – oficiais e extra oficiais –, de modo a contribuir para o fortalecimento e divulgação da historiografia afro-brasileira.

Por um lado, sua pesquisa se debruça sobre biografias de personagens negras que tiveram sua importância apagada pela história, atribuindo-lhes a devida importância. Por outro, o artista volta-se para as violentas abordagens policiais de corpos racializados, revisitando as noções de privilégio, presentes na cultura e sociedade brasileira, assim como denunciando o mito da democracia racial. Em sua série *Vogue*, em que Almeida se apropria da identidade visual e da estética dessa famosa revista de moda para vincular corpos negros, vemos a convergência dessas diversas linhas de trabalho, levando-nos a questionar sobre os modos como esses sujeitos são representados e postos em circulação na cultura visual brasileira.

exposições individuais selecionadas

- *Antes – agora – o que há de vir*, Nara Roesler, Rio de Janeiro, Brasil (2021)

exposições coletivas selecionadas

- *Brasil Futuro: as formas da democracia*, Museu Nacional da República, Brasília, Brasil (2023)
- *Quilombo: vida, problemas e aspiracoes do negro,* Inhotim, Minas Gerais, Brasil (2022)
- *Atos de revolta*, Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), Rio de Janeiro, Brasil (2022)
- *Nova vanguarda carioca*, Cidade das Artes, Rio de Janeiro, Brasil (2022)
- *Crônicas cariocas*, Museu de Arte do Rio (MAR), Rio de Janeiro, Brasil (2021)
- *Enciclopédia negra*, Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil (2021)
- *Arte naïf – Nenhum museu a menos*, Escola de Artes Visuais do Parque Lage (EAV Parque Lage), Rio de Janeiro, Brasil (2019)
- *Mostra memórias da resistência*, Centro Municipal de Arte Hélio Oiticica (CMAHO), Rio de Janeiro, Brasil (2018)
- *Bela verão e Transnômade Opavivará*, Galpão Bela Maré, Rio de Janeiro, Brasil (2018)
- *Novas poéticas – Diálogos expandidos em arte contemporânea*, Museu do Futuro, Curitiba, Brasil (2016)

coleções selecionadas

- Pinacoteca do Estado de Sao Paulo, Sao Paulo, Brasil
- Museu de Arte do Rio (MAR), Rio de Janeiro, Brasil
- Instituto de Arte Contemporânea de Inhotim, Brumadinho, Brasil

nara roesler

são paulo
avenida europa 655,
jardim europa, 01449-001
são paulo, sp, brasil
t 55 (11) 2039 5454

rio de janeiro
rua redentor 241,
ipanema, 22421-030
rio de janeiro, rj, brasil
t 55 (21) 3591 0052

new york
511 west 21st street
new york, 10011 ny
usa
t 1 (212) 794 5034

nararoesler.art
info@nararoesler.art